JABUTI ■ 'A vida que ninguém vê' reúne personagens corriqueiros

A dor da gente sai no jornal

DIVULGAÇÃO

A rotina de Eliane Brum: sentada na praça, com o bloco de notas nas mãos, em busca de uma boa história para contar no jornal

Mariana Filgueiras

"Moça, me diz uma coisa. Tu acha que eu devo continuar comendo vidro ou devo desistir, voltar para minha terra e plantar uma rocinha?". Em frente ao mercado público de Porto Alegre, um homem em pele e osso entregava a sua vida para a repórter Eliane Brum. Ela estava sentada na praça há tempos, com o bloco de notas em mãos, em busca de uma boa história para contar no jornal. Na coluna semanal do *Zero Hora*, intitulada "A vida que ninguém vê", a jornalista selecionava um episódio corriqueiro, um personagem ordinário, desses que jamais viriam notícia, e dava a eles as cores de um bom texto em forma de crônica. A coluna durou 11 meses, em 1999, ganhou o Prêmio Esso regional e, agora reunidas em livro pela editora Arquipélago, acaba de conquistar o Jabuti de reportagem.

Diante de Jorge Luiz dos Santos Oliveira, à época com 35 anos, Eliane ficou muda. Numa praça disputada por artistas populares, destes que exibem animais ou fazem truques com cartas, cercados por curiosos, ninguém parava para ver Jorge comendo vidro. O papelão anunciava, a seus pés, o "Homem de aço", a boca sangrava, mas Jorge não compreendia um mundo em que o homem comendo vidro não causa espanto.

– Quando comecei a fazer a coluna, eu não tinha muita idéia de como fazer. A primeira que eu fiz foi a história do comedor de vidro. Achei que tinha de começar pelo centro, que é sempre o lugar mais rico e mais anônimo de uma capital, cada vez mais periférico na imprensa. E aquele homem sangrando e chorando sem que ninguém visse. Literalmente em praça pública. Aí me aproximei e comecei a conversar com ele. Ele era um homem que comia vidro para viver, mas só se machucava com a invisibilidade, que é o que machuca todos nós. E aí não estou falando do grande espetáculo. O pequeno espetáculo da nossa vida não precisa ser estampado numa revista de celebridades (mesmo que cada vez mais gente queira isso), mas tem de ser visto, reconhecido, testemunhado por alguém. É isso que nos humaniza, que dá sentido à nossa vida – observa Eliane, que conta mais de 30 prêmios de reportagem.

A coluna fez tanto sucesso que os leitores começaram a escrever cartas com as histórias de suas vidas:

– Lendo a história do fulano, descobri que a minha vida tem importância – lembra Eliane. –

A vida que ninguém vê
ELIANE BRUM
Arquipélago Editorial
205 páginas, R$ 32

Esse é um olhar de resistência, um olhar que mostra que a vida de gente comum não é banal, é extraordinária. Que é no cotidiano que a vida efetivamente se dá. Naquela mesma semana uma menina da Febem morreu afogada. A coluna me deu autonomia pra fazer o que sempre quis fazer, ampliar o que seria no máximo uma nota de canto de página no jornal: fui atrás da história, descobri que ela se chamava Camila, já não era mais um número, descobri que ela tinha inventado uma musiquinha que havia se espalhado pelos faróis da cidade, fui no enterro dela, na casa dos pais, na Febem onde ela vivia, li seus prontuários, sua vida de instituição. E a história dela ("Sinal fechado para Camila") foi publicada.

A partir daí, as pautas vinham tanto de leitores, de colegas, como da observação de todo dia. Quando não tinha nada, Eliane simplesmente ia pro centro e esperava.

– Uma vez fiquei sentada, bloquinho e caneta na mão, esperando a vida que ninguém vê aparecer pra mim. E ela veio numa dupla de meninos que me abordou. Sentamos no mercado público e o mais velho contou sua angústia. Era um menino de 12 anos, mas velho, que estava com raiva e com medo porque o pai tinha ficado desempregado e ele havia virado chefe da família. Acompanhei-os até em casa, um barraco, e quando chegamos o pai estava sentado na única poltrona, que era um banco de ônibus todo arrebentado. Quando o menino chegou, o pai imediatamente se levantou da "poltrona" pra dar lugar ao filho. A história estava contada ali, naquela imagem sem palavras.